

# Jornal Fraterno

Órgão de Divulgação do Grupo Socorrista Maria de Magdala ANO XXI

Edição Extraordinária

## EDITORIAL

Quantos estágios emocionais há neste recolhimento compulsório!

No início desta pandemia, acreditávamos que o coronavírus não se manteria forte, ativo e circulando por todos os ambientes, mas que renomados cientistas o domariam facilmente. Pareceu-nos que seria um período curto para descanso, já que nos desligou das obrigações rotineiras como ir à escola, ao trabalho, a reuniões profissionais, a encontros sociais obrigatórios e a tantos outros eventos.

Logo nos apercebemos que haveria muitas perdas para todos. A primeira, talvez, fosse aquela ligada aos aspectos econômicos, porque, se para alguns, a restrição dos salários quase não se fez sentir, para a maioria das pessoas que não têm condições de fazer reservas, as dificuldades logo surgiram.

Em seguida, passamos a achar falta da presença física dos nossos familiares, dos nossos amigos, dos nossos colegas, de todos aqueles que fazem parte da nossa rotina diária. Para diminuir a distância, usamos tudo que a moderna tecnologia nos oferece.

Constatamos depois, que para o bem individual e coletivo, era imprescindível o nosso isolamento, o que nos levou, aos poucos, a refletir sobre nossa autonomia.

Esperneamos muito para aceitar que nenhuma das nossas qualidades nos concede privilégios. Não adianta uma situação financeira privilegiada para garantir a nossa capacidade de sobreviver. Se não há produção, não há o que consumir.

Se brilhamos por nossa capacidade intelectual, percebemos que ela não é passaporte para nenhuma benesse, como também não o são as nossas qualidades artísticas.

Necessariamente aprendemos que é impossível deixar para depois o aprendizado que há tanto tempo adiamos: o convívio contínuo com os nossos familiares que nos obriga a sermos flexíveis; a atenção perene aos nossos filhos que antes se restringia aos fins de semana; a divisão dos trabalhos familiares que nos chamavam à participação e a que nos furtávamos; os pequenos favores aos nossos idosos, que eram quem cuidava de nós e que agora precisam ser cuidados.

Aprendemos que havia chegado a hora de entender que uma força superior a nós pode nos obrigar a sermos melhores, mais caridosos, mais humildes e mais amorosos.

Passamos a ver a dor alheia além das nossas janelas. A maioria dos trabalhadores sem condições de cobrir as suas despesas necessárias; os que trabalhavam num dia para comer no outro, desprovidos de qualquer ganho; aqueles que dependiam da boa vontade alheia para sobreviver, com o medo estampado no rosto. Todos a exigirem a nossa atenção.

Aprendemos também que a nossa presença nas Casas de Caridade não mais seria possível, mas que as nossas preces poderiam chegar aos nossos assistidos envoltas na amorosidade que revestem os atendimentos presenciais.

Não há dúvida que estes tempos difíceis ficarão para trás, mas ninguém sairá deste torvelinho sem ter absorvido as lições de humildade, paciência, altruísmo e fé que nos haviam sido oferecidas há séculos, mas que agora somos forçados a aprender.

A confiança que temos em Deus nos diz que a Terra será um lugar melhor para se viver.

**Nota: O Jornal Fraterno, excepcionalmente, deixará de publicar a edição de n.80, referente aos meses abril, maio e junho de 2020.**

A Doutrina espírita é filosofia, é ciência, é religião e foi codificada por Allan Kardec, no século XIX.